

Globethics Repository



Um governo sem rumo? [A government without direction?]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Dutra Fonseca, Pedro Cezar
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-15 05:48:18
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163419

de base, enquanto o Lula está ganhando tempo para fazer reformas neoliberais, para uma saída à direita.

IHU On-Line – O enfrentamento dos problemas básicos para o desenvolvimento nacional mencionados pelo Sr., como as questões da terra, do teto, do trabalho e da soberania, se enquadram nos marcos do desenvolvimento capitalista. O Sr. trabalha com a idéia de uma via sociodemocrata para o desenvolvimento ou acredita que o socialismo detém ainda o poder de transformação que o inspirou?

Plínio Sampaio Jr.– Vou ser bem honesto intelectualmente: eu acho que nós não temos capacidade de dar uma solução para os problemas do Brasil nos marcos do capitalismo. Uma mudança dessa envergadura, enfrentando os problemas referidos, é algo que só pode se dar no contexto de uma transformação muito radical na sociedade. Enquanto o núcleo da economia mundial for controlado por nações capitalistas quem está na periferia do sistema não tem nenhuma alternativa de sobrevivência sem estruturar o estado nacional, que é um instrumento burguês. As mudanças, porém, deveriam ter o protagonismo dos trabalhadores, que não se restringiriam essas mudanças aos marcos burgueses. Aí, teríamos uma situação tipicamente socialista.

UM GOVERNO SEM RUMO?

Entrevista com Pedro Cezar Dutra Fonseca

*Pedro Cezar Dutra Fonseca é diretor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), presidente da Sociedade Brasileira de Economia Política e doutor em Economia pela Universidade de São Paulo (USP). É autor de **Vargas: o Capitalismo em Construção** (São Paulo: Brasiliense, 1989), entre outros. Suas pesquisas abrangem a economia brasileira e a história do pensamento econômico.*

IHU On-Line – Os economistas brasileiros, em várias ocasiões, alertaram o governo para a necessária retomada dos investimentos nas áreas públicas, a redução dos juros, o desenvolvimento de uma política voltada ao mercado consumidor interno. O Sr. acha que o governo começa a se mover nessa direção?

Pedro Cezar – Eu acho que sim, embora timidamente. Isso sugere que mais do que ter convicção com relação a isso, o governo está sendo pressionado a ir nessa direção. Mas é bom que o governo tenha começado a baixar os juros, a sinalizar para uma retomada dos investimentos e para uma perspectiva de maior crescimento no ano que vem.

IHU On-Line – Quem está pressionando o governo?

Pedro Cezar – Essa pressão vem de vários lados. De pessoas historicamente ligadas ao PT, que se sentem decepcionadas e esperavam um outro tipo de política, embora na campanha eleitoral o candidato Lula tenha dito que faria algo parecido com o que ele está fazendo hoje. Há uma frustração vinda da esquerda. Mas também há uma crítica vinda dos empresários, de grupos que não se afinam ideologicamente com a esquerda. O próprio Vice-Presidente da República, às vezes, externa essa crítica, vinda de grupos que imaginavam uma economia em crescimento, esperavam uma mudança na orientação em favor do desenvolvimentismo. O discurso do Lula na campanha eleitoral, aliás, era muito parecido com o do [José] Serra. Parte dos empresários achou que o discurso do Lula era mais sincero, resolvendo apoiá-lo. A pressão vem de vários lados, vem da própria mídia. A comparação com a Argentina, por exemplo, deixa

o governo em uma situação complicada. Parece que aquele país está sinalizando para um lado mais radical do que o Brasil.

IHU On-Line – Pode-se dizer que o governo ainda não sabe para onde vai?

Pedro Cezar – Essa é a minha principal crítica. O problema das taxas de juro é temporário, tópico, não é o principal. Mas o governo deveria acenar com uma perspectiva de longo prazo. Definir qual a política industrial, por exemplo. E a substituição de importações, prometida na eleição, ocorrerá? Em quais ramos? Vamos exportar o quê? Quais são os nichos do Brasil no comércio internacional? Qual será a política agrícola? Haverá financiamento? Através de bancos públicos ou privados? Está faltando essa repactuação, isso é essencial. Essa é a grande lacuna: a inexistência, ainda, de uma política de desenvolvimento.

IHU On-Line – Nas suas manifestações, o Sr. tem dito que, quanto ao desenvolvimento, não se deve esperar que o Estado desempenhe o mesmo papel que exerceu no passado. Ao mesmo tempo, o Sr. tem afirmado que o governo deveria criar instituições que assegurassem as bases para um novo ciclo expansivo. Nesse caso, qual seria o papel do Estado?

Pedro Cezar – Eu não imagino que o Estado vá induzir o desenvolvimento por meio de empresas estatais, ou de organismos financiadores como o BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social], como no passado. Acho difícil que o Estado tenha condições de bancar financeiramente uma arrancada para o crescimento. Mas o Estado pode criar condições propícias para isso, com uma política fiscal mais adequada, por exemplo, por intermédio de certos incentivos para determinadas áreas. O Estado pode fazer certas políticas a favor de setores que se queira desenvolver. Mas não imagino que isso ocorrerá por meio das estatais, por exemplo.

IHU On-Line – O sociólogo Francisco de Oliveira tem chamado a atenção para a ausência de intelectuais no governo, o que dificultaria a formulação de planos para o desenvolvimento. O Sr. acha que os intelectuais têm um papel mais ativo a desempenhar?

Pedro Cezar – A relação de intelectuais com o governo é algo muito delicado. O papel dos intelectuais não é estar dentro do governo, embora isso possa ocorrer. O que cabe ao governo é ouvir os intelectuais, dialogar com eles. Acho que o governo atual está tentando fazer isso, pelo menos com os intelectuais petistas. Talvez outros pudessem ser ouvidos. Mas acho que essa crítica não deve ser feita, não é papel do governo chamar os intelectuais para ajudar a governar. Nenhum governo tem essa responsabilidade. Como disse, os intelectuais devem ser ouvidos, essa é a contribuição deles.

IHU On-Line – Com frequência, os governantes do país chamam a atenção para o ineditismo da situação brasileira, para a inexistência de precedentes históricos, indicando a saída da situação vivida pelo Brasil. O Sr. acha que o governo tem condições políticas e teóricas para a formulação de um plano de desenvolvimento? Esse plano deve ficar nos marcos do capitalismo ou deverá ter contornos socialistas?

Pedro Cezar – Acho que o governo tem condições, sim. Temos amplas condições de desenvolver o país, por meio de um projeto que poderá ser capitaneado e gerenciado pelo governo, num amplo consenso nacional. Mas está fora de questão que esse projeto não seja capitalista, não vejo as mínimas condições para um projeto socialista. Pode haver elementos de uma economia solidária, de distribuição de renda, de maior igualdade social, de melhora de

indicadores sociais O governo pode bancar isso. Esse projeto é possível, mas eu só o vejo como um projeto capitalista.

IHU On-Line – O Sr. considera satisfatória a política externa praticada pelo governo?

Pedro Cezar – Temos desajustes, problemas macroeconômicos, mas o Brasil tem condições de liderar internacionalmente vários segmentos produtivos. Em vários ramos, temos produtividade, obrigando os países líderes a inventarem barreiras sanitárias, sociais ou com o propósito explícito de barrar os produtos brasileiros. Isso nos dá uma certa confiança no Brasil. Não é possível desejar que o País pague a sua dívida regularmente e não possa exportar. Essa negociação pode ser feita. A rigor, nem na política interna, nem na externa, o atual governo difere muito do anterior. No governo do Fernando Henrique Cardoso, já se dizia que ele era de esquerda quando saía do País e aqui dentro era conservador. A política internacional do Presidente Lula, às vezes, é um pouco mais agressiva na linguagem, mas é basicamente a mesma, é uma política de independência, mas negociada. Essa é a política que deve ser feita. Há um grupo de países intermediários, que não se confunde com a grande massa de países marginalizados, como os do continente africano. Os países médios podem ocupar um grande espaço e a liderança do Brasil é oportuna. Acho que o Presidente da República está se saindo muito bem.

“NÃO ESPERÁVAMOS DO GOVERNO TÃO POUCAS E POUCO OUSADAS AÇÕES”

Entrevista com Gláucia Campregher

Ainda dentro da discussão sobre os rumos do Governo Lula, IHU On-Line conversou com a Prof^a. Dr.^a Gláucia Campregher, do Centro de Ciências Econômicas da Unisinos. Gláucia é graduada em Ciências Econômicas, Mestre e Doutora em Economia pela Unicamp, com tese intitulada “Contribuição à crítica da economia política do não trabalho”.

IHU On-Line- O sociólogo Francisco de Oliveira tem se referido ao modelo econômico e social que está sendo desenhado pelo atual governo como um “ornitorrinco”, devido às suas características esdrúxulas. Essa metáfora lhe parece adequada? O que caracterizaria as desproporções do referido modelo? Quais os seus equívocos?

Gláucia Campregher- Sim, a metáfora faz algum sentido, porque parece que o governo tem agido com o sinal trocado para além do que se poderia esperar. Ou seja, mesmo que já esperássemos um governo mais *soft* - dado o enalace que nos foi deixado e dada a pouca profunda discussão da campanha eleitoral -, não esperávamos tão poucas e pouco ousadas ações em todas as áreas (social e econômica) em meio a tanto esforço para a realização de reformas para “mercado ver”. Veja bem, a crise fiscal do Estado é mesmo séria, e teria de fato de ser enfrentada. Além disso, o PT sempre prezou finanças públicas saneadas, como o demonstram suas administrações anteriores ao governo federal. Mas isso não justifica o conteúdo pouco diferenciado (em relação ao governo FHC) das reformas tributária e previdenciária. Ou seja, há falta de *links* com um projeto alternativo para o desenvolvimento nacional, como por exemplo, com a redistribuição de renda, ou o financiamento do investimento produtivo, ou a democratização da gestão. O que está acontecendo não é, a meu ver, só uma questão de “desproporção” – muita atenção às reformas e pouca às questões sociais mais amplas (ou seja, além do “Fome Zero”). É que ambas não se cruzam em ponto algum! Veja, quando eu faço uma lei para o Fundopem (como o PT fez aqui no RS, e agora está sendo desfeita...), que previa incentivo só para investimentos novos e geradores de emprego, a